

CIÊNCIA E PODER: A CONSTITUIÇÃO DE DISCURSOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

CIÊNCIA E PODER: A CONSTITUIÇÃO DE DISCURSOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

Alice Stephanie Tapia Sartori

Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: alice.stephanie@hotmail.com

João Carlos Pereira de Moraes

Universidade de São Paulo

E-mail: joaocarlos_pmoraes@yahoo.com.br

Resumo

A ciência permeia o cotidiano das pessoas, perpassando a constituição no modo de pensar sobre temas polêmicos na sociedade. Neste contexto, este trabalho visa discutir o poder da ciência, as visões sobre ela daqueles que procuram respaldar seus argumentos embasados em padrões científicos e o papel da escola e do livro didático perante isso. Como foco problematizador utilizamos a questão, atualmente debatida, homossexualidade, partindo dos vídeos: entrevista com o pastor Silas Malafaia, resposta do geneticista Eli Vieira e contra resposta do pastor. Como percurso para escrita, iniciamos com alguns apontamentos sobre a história da homossexualidade, como os saberes da ciência influenciaram nessas questões e como são vistas na atualidade. A partir desta problemática delineamos pressupostos utilizados para validar argumentos por meio de aspectos científicos e as concepções de ciência pertinentes aos sujeitos dos vídeos. E, levando em consideração que a escola é um lugar privilegiado para constituição de subjetividades, propomos que questões sociais e concepções sobre ciência podem também ser debatidas ali e não deixadas de lado como vem sendo feitas.

Palavras-chave: concepções de ciência. educação científica. homossexualidade. livro didático.

Abstract

Science permeates people's daily routines, pervading the constitution in thinking on controversial issues in society. In this sense, this article discusses about the power of science, the point of view of those who support their arguments grounded in scientific models and the role of school and textbook on it. As problematizing focus we used homosexuality discussed from videos: Interview with minister Silas Malafaia, Geneticist Eli Vieira response and minister's response. As a ride for writing, we started with some notes on the history of homosexuality, such as science knowledge influenced these issues and how they are seen today. From this problematic outlined assumptions used to validate arguments by scientific aspects and concepts of science relevant to the subject of the videos. And considering that the school is a privileged place for subjectivity constitution, we propose that social issues and concepts of science can also be debated there and not left out as it is being made.

Palavras-chave: conceptions of science. science education. homosexuality. textbook.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo discutir o poder da ciência nas questões sociais, especificamente a homossexualidade e como as concepções que se tem de ciência aparecem na discussão deste tema para, a partir daí, propor uma breve reflexão de como o assunto é ou poderia ser abordado na escola, principalmente nas aulas de ciências.

Esta problemática surgiu a partir da entrevista do pastor Silas Malafaia ao programa *De Frente com Gabi*¹, na qual foi discutido, entre outras questões, o tema da homossexualidade. Após a divulgação do vídeo na internet, emergiram diversas manifestações contra e a favor da posição do pastor em relação à homossexualidade, como divulgado no site *Youtube*. Entre estes, o vídeo produzido pelo geneticista Eli Vieira que contrapõe a posição do pastor ao uso da genética (ciência) para justificar suas ideias quanto à homossexualidade. Em contrarresposta, Silas Malafaia rebate expondo sua concepção de ciência, creditando e divulgando como pensa que esta é produzida e como, a seu ver, legitima a sua postura perante a homossexualidade.

A discussão em torno deste assunto é recorrente na atualidade. Ao utilizar análise do discurso² pautada em Foucault como metodologia deste trabalho, nós consideramos que tanto o pastor como o geneticista são pessoas “qualificadas” para falar e, conseqüentemente, formadores de pensamento de grupos específicos e dos modos de ver as questões sociais de nosso tempo. Destacamos que a ciência tem tido papel fundamental na

1 Programa exibido na emissora de televisão SBT. A apresentadora Marília Gabriela recebe grandes nomes e trata de assuntos de interesse nacional.

2 É válido destacar as palavras de Fischer (2001) sobre alguns aspectos a serem levados em consideração no trabalho com análise de discurso: “Para analisar os discursos, segundo a perspectiva de Foucault, precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas . práticas bastante comuns quando se fala em fazer o estudo de um .discurso.. Para Michel Foucault, é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar. E a primeira tarefa para chegar a isso é tentar desprender-se de um longo e eficaz aprendizado que ainda nos faz olhar os discursos apenas como um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado, cheio de .reais. intenções, conteúdos e representações, escondidos nos e pelos textos, não imediatamente visíveis. É como se no interior de cada discurso, ou num tempo anterior a ele, se pudesse encontrar, intocada, a verdade, desperta então pelo estudioso.” (FISCHER, 2001, p. 198)

legitimação de seus argumentos. Assim, pretendemos investigar, a partir da problemática exposta nos vídeos, o “poder” da ciência e as concepções a ela atreladas.

Considerando que, além da mídia, a escola é um espaço responsável por formar opiniões, pensamos que as ideias que se tem de ciência podem ser ali construídas e desconstruídas, bem como posições a respeito da homossexualidade. Procuramos, assim, refletir sobre o papel do professor de ciências, que perpassa tanto o próprio conhecimento científico, quanto as questões da sociedade.

Para atender a estas expectativas elencamos três tópicos. Primeiramente, traçamos alguns aspectos da história da sexualidade e da produção de discursos em torno da homossexualidade, em que a ciência tem forte influência. Assim, no segundo tópico procuramos discutir o poder da ciência nas questões sociais e as concepções do senso comum sobre ela que são amplamente aceitas e divulgadas. Para finalizar, debatemos o papel da educação científica e dos livros didáticos diante ao assunto.

2. A HOMOSSEXUALIDADE: BREVES APONTAMENTOS

A sexualidade sempre foi algo instigante para a humanidade e sobre ela emergiram diversos discursos, uma verdadeira “explosão discursiva”, segundo Michel Foucault (1982). Em meio a isso, em sua *História da sexualidade* (FOUCAULT, 1997), o filósofo relata de modo mais totalizante as questões sobre a sexualidade, considerando os aspectos históricos, sociais e culturais que deram condições de possibilidade ao surgimento de tais discursos.

Conforme a obra citada, a homossexualidade, como parte da sexualidade humana, foi analisada como um dispositivo, ou seja, algo estabelecido por saberes, poder, práticas discursivas ou não discursivas para controle e normatização, com o objetivo de regular a relação com o prazer, estabelecendo “verdades” a respeito do corpo.

O dispositivo pode ser considerado como “um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência” (FOUCAULT, 1997, p. 244). Desta forma, discursos e práticas emergem em meio a determinadas condições, como demandas sociais, políticas e morais. Portanto, subjetividades e identidades referentes à sexualidade são produzidas por meio deste dispositivo.

Assim, as identidades sexuais são uma produção histórico-cultural, não tendo sua constituição como algo universal, como afirma Costa (1992). Vale ressaltar que, embora a homossexualidade seja um elemento nessa construção, o desejo sexual por pessoas do mesmo sexo sempre existiu. Neste contexto, surgiu essa existência de uma vontade de saber sobre a sexualidade, essencial para o controle individual e, também, social, tanto para heterossexuais como para homossexuais.

A sexualidade sempre foi estimulada a se confessar e se manifestar por diversas instituições, como a família, a igreja, o Estado, na medicina, no direito, na sociologia, na psicologia, na psiquiatria, dentre outros. Deste modo, uma teia de observações em torno das práticas sexuais se finda pela economia política da população, instituindo as primeiras análises das

condutas sexuais sob os olhares do biológico e econômico.

Na psiquiatria, por exemplo, em meados de 1870, a homossexualidade começa a ser constituída “como objeto de análise médica: ponto de partida, certamente, de toda uma série de intervenções e de controles novos” (FOUCAULT, 1997, p. 233). O filósofo aponta que esta sexualidade esteve, a partir da história moderna e contemporânea, sob a ameaça de ser dominada por processos patológicos, fato que levou tanto a ciência quanto a religião a intervirem, caracterizando-a como doença e/ou pecado grave.

Assim, a homossexualidade, definida como uma patologia significa um desvio da conduta sexual normal, o que levou atuações de "cura" e "normalização", pretendendo ajustá-la à norma da heterossexualidade. Essa visão da homossexualidade como doença teve fim em 1995, com a quarta edição do manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM – IV (APA – 1995).

Considerando a pertinência dos olhares da sociedade sobre a homossexualidade e que essas visões são regidas por discursos que, como apontado, fundamentam-se em questões religiosas ou estudos científicos, Foucault faz uma

investigação sobre a maneira pela qual se formou, há três séculos, o saber sobre o sexo, sobre a maneira pela qual se multiplicam os discursos que o tomaram como objeto, e as razões pelas quais acabamos atribuindo um preço quase fabuloso à verdade que tais discursos pensavam produzir. (FOUCAULT, 1997, p. 71).

Neste sentido, podemos ver diversos modos de produção de discursos sobre a homossexualidade na história, e na atualidade não seria diferente. Nos encontramos inseridos numa esfera controversa, ao mesmo tempo que movimentos vem lutando para oficializar a união homoafetiva, organizam passeatas e paradas, lutam pela adoção e por sua constituição como família, há posicionamentos contrários que, por exemplo, prescrevem a

cura gay³, condenam as relações homossexuais como pecado e transgressão da norma. Alguns apontamentos podem ser vistos em frases como: “*A questão é os direitos que eles querem em detrimento da coletividade*”, emitida pelo Pastor Silas Malafaia no vídeo quanto a sua posição sob a homossexualidade.

Em meio a isso, a sociedade valoriza discursos específicos sobre o tema, sendo que, muitos destes, se utilizam da ciência como estrutura para a sua argumentação. Entretanto, qual é a “ciência” pressuposta nestes discursos? Compreendê-la possibilita refletir sobre a neutralidade dos interlocutores envolvidos, a relação destas visões com seus interesses e, conseqüentemente, sobre as ações por ela prescritas.

3 Cura gay: termo concedido pelos meios midiáticos ao projeto de lei apresentado pelo deputado João Campos (PSDB-GO) a Comissão dos Direitos Humanos (CDH), visando suspender o trecho da resolução do Conselho de Psicologia de 1999 que proibiu profissionais da área de ajudar com eventos e serviços que ofertem tratamento e cura de homossexualidade, além de inibir manifestação que reforce preconceitos sociais em relação aos homossexuais.

3. DOIS DISCURSOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE E A SUA FUNDAMENTAÇÃO NA CIÊNCIA

Neste ambiente controverso citado na seção anterior, discursos sobre a problemática da homossexualidade buscam validação no âmbito social, utilizando-se da ciência como instrumento para explicar e legitimar seus argumentos, conferindo-a um valor inquestionável. Aqueles que a detem, possuem o “poder”, principalmente, na construção de opiniões. Desta forma, “como um fenômeno cultural, a ciência tem tido um impacto nas nossas vidas maior do que qualquer outro” (FRENCH, 2005, p.10).

Corroborando a isso, Chalmers (1993), aponta que, atualmente, a ciência possui valores expressivos. Atribuir a um argumento ou linha de raciocínio um valor “científico” denota status de confiança e credibilidade às ideias vinculadas, há uma crença amplamente aceita de que existe algo de especial a respeito da ciência e de seus métodos.

É a partir do capitalismo comercial que se associa à ciência um conjunto de valores baseados no poder, que são responsáveis pela produção de desigualdades e formas de dominação no ato de gerar e estruturar conhecimento, pelo modo como se legitima e nega legitimidade as suas alternativas e como o conhecimento transforma a natureza e a sociedade (LACEY, 2008).

Essa crença de que a ciência gera uma verdade sobre as coisas é aceita pela maioria das pessoas que possuem ou não alguma relação com o conhecimento científico. Essas verdades nos são transmitidas em diversos contextos, como a mídia, a escola, a medicina, a religião, dentre outros. Como exemplo, tomamos as ideias apresentadas no vídeo, onde o Pastor delega à ciência um status incontestável, pois segundo ele, a homossexualidade não pode ser explicada plenamente pela genética, partindo de fontes estudadas por ele próprio e de sua formação em psicologia.

Chega então, a conclusões, utilizando argumentos científicos para legitimar sua opinião na questão de que a homossexualidade é um comportamento e, portanto, passível de mudança, afirmando que

Ninguém nasce gay [...] quem pode dizer que alguém nasce gay ou não? É a genética, a ciência que pode dizer.

(Silas Malafaia)

A partir desta ideia, o Pastor atribui validade inquestionável às pesquisas realizadas por um cientista, que a seu ver é o maior geneticista do mundo, que afirma a não existência de gene homossexual, e conclui que a homossexualidade é apreendida ou imposta no decorrer da vida. O apoio às ideias deste cientista pelo pastor advém do favorecimento que estas concedem à sua ideologia religiosa, ou seja, a escolha de um determinado estudo científico pode ser feita para validar pensamentos já preconcebidos.

Ao contestar esse modo como o Pastor vê a ciência, o Geneticista Eli Vieira afirma que

Essa é uma forma inadequada de ver como os genes contribuem como recursos na manifestação de algum comportamento [...] ninguém nasce canhoto, no entanto o canhotismo também tem bases genéticas.

(Eli Vieira)

Aqui, o geneticista demonstra que, quando tratamos de um assunto polêmico e que envolve uma diversidade de sujeitos, devemos pensá-lo de uma forma mais global. Há na genética base para explicar a homossexualidade, entretanto, não existe uma única lente sob a qual se pode compreender a complexidade das constituições sexuais.

E, apontando para outros estudos que também considera relevantes por serem denominados científicos, diz ao Pastor:

Você não está falando de genética, você está falando de inatismo, coisa que eu já mostrei que o Newton Freire Maia, que fez estudos da genética da homossexualidade disse que está morta na genética.

(Silas Malafaia)

O debate se torna acirrado pelo fato de tanto o Pastor quanto o Geneticista buscarem na ciência a comprovação do que dizem. Eli Vieira afirma que suas fontes de pesquisa se baseiam em vários estudos da genética, não apenas em um estudo como aponta o Pastor:

Se você vai negar uma teoria que é aceita pela esmagadora maioria dos profissionais da área que trabalham com biologia, acho que vou duvidar da sua capacidade de olhar para a questão da contribuição da genética para a orientação sexual, e acho que vou duvidar da sua imparcialidade, seu respeito por informações científicas e fontes científicas, o que é verdade científica e o que é teoria científica.

(Eli Vieira)

Por meio desses debates, podemos ver a ideia de ciência que está ali impregnada e que acaba por ser transmitida a quem assiste, discutindo tanto o tema sobre a homossexualidade como outras questões sociais em que a ciência acaba interferindo. Destas concepções de ciência, observamos e analisamos qual o papel do cientista, o que são teorias e como elas são aceitas ou provadas. Como exemplo, tomamos o momento da entrevista em que o pastor discute o que é ciência em sua concepção, partindo do pressuposto que, na ciência, o aspecto da observação é fundamental. Para ele

Isso é ciência, uma verdade científica pode ser comprovada em qualquer lugar do mundo. Não existe gene homossexual, não existe ordem cromossômica homossexual, o que tem são teorias científicas, não tem uma prova científica. [...] quando um cientista diz que fez uma descoberta científica, os outros cientistas tem acesso aos seus escritos, as suas pesquisas, e aquela verdade pode ser comprovada em qualquer laboratório do mundo. [...] Por exemplo, o big ban é uma teoria porque não se pode ser provada. [...] Evolução não é teoria porque não pode ser comprovada na observação [...] Ninguém nasce homossexual, esta é uma verdade científica, traga a prova científica, não a teoria, o que pode ser provado.

(Pastor Silas Malafaia)

Chalmers (1993) descreve, no livro *O que é ciência afinal?*, uma concepção de senso comum da ciência, a de que o conhecimento científico é conhecimento provado, ou seja, as teorias científicas são derivadas de maneira rigorosa da obtenção dos dados da experiência adquiridos por observação e experimento. Nesta visão, o conhecimento científico é conhecimento confiável porque é conhecimento provado cientificamente, como dito pelo Pastor.

O autor denomina esta visão como sendo uma explicação indutivista ingênua, sendo que esta vai de encontro a uma tentativa de formalização dessa imagem popular da ciência. Alguns argumentos para defender a afirmação de que teorias científicas não podem ser conclusivamente provadas ou desaprovadas se baseia em considerações filosóficas.

Os desenvolvimentos modernos na filosofia da ciência têm apontado com precisão e enfatizado profundas dificuldades associadas a ideia de que a ciência repousa sobre um fundamento seguro adquirido através de observações e experimento. Simplesmente não existe método que possibilite às teorias serem provadas verdadeiras ou mesmo provavelmente verdadeiras. (CHALMERS, 1993, p.19).

Esta ideia de que a ciência baseia-se num fundamento seguro e plenamente confiável é presente não só no senso comum, mas, muitas vezes, na ideia daqueles que receberam uma formação mais específica neste âmbito. O que pretendemos mostrar é que, no exemplo do vídeo, é essa a visão que geralmente é perpetuada, principalmente pela mídia. Refletindo, assim, que esta forma de conceber o conhecimento científico tem ressonâncias nas questões sociais e, conseqüentemente, na educação escolar.

4. A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA FRENTE À PROBLEMATICA DA HOMOSSEXUALIDADE

A escola é reflexo da sociedade. Esta é uma das frases entre as mais ditas sobre a relação entre a sociedade e educação, entretanto, poucas vezes, pensa-se quais as conotações que envolvem esta afirmativa e qual o papel das polêmicas sociais na educação. É raro, por exemplo, discussões sobre o poder exercido pela ciência e as questões pertinentes à homossexualidade no ambiente escolar. Porém, a sociedade não os deixa a parte: sobre estes assuntos se divulgam pensamentos e ideologias na procura de formar consumidores de ideias e elaborar lentes para compreender o mundo.

Em meio a esta turbulência de ideologias, a escola, sob a alegação de não ter rumos para a ação, isenta-se de discutir certas polêmicas, esquecendo que estas não só batem à sua porta como estão presentes nos modos de ver o mundo de seus alunos, professores e funcionários. Portanto, toda e qualquer atitude no ensino está apoderada de formas de conceber os ideais de sociedade, sendo assim, a neutralidade docente é algo impossível, o que faz tê-la como ponto de referência é validar as construções sociais sem devida reflexão.

O estudo sobre a homossexualidade torna-se relevante na medida em que busca compreender o ser humano de forma global em suas diversas maneiras de agir, pensar, se expressar e se comportar no que tange a questão da sexualidade (MENDES, 2007, p.250). Assim, a opção de se debater o assunto coopera para combater o preconceito e discriminação social.

Neste sentido, pensamos que a escola deve proporcionar reflexões sobre este tema, pois é um lugar privilegiado para construção de subjetividades. Desta forma, se torna necessário que ferramentas educativas discutam a questão da sexualidade humana, como apontam documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, afirmando que

o trabalho com orientação sexual supõe refletir sobre e se contrapor aos estereótipos de gênero, raça, nacionalidade, cultura e classe social ligados à sexualidade. Implica, portanto, colocar-se contra as discriminações

associadas a expressões da sexualidade, como atração homo ou bissexual, e aos profissionais do sexo. (BRASIL, p. 14, 1998).

Além disso, podemos refletir sobre a educação científica frente a esta problemática, por meio do currículo, com a elaboração de materiais didáticos, sua aplicação e avaliação e a realização de cursos de formação de professores, por exemplo. Considerando que os currículos de CTS se articulam em torno de temas científicos ou tecnológicos que são potencialmente problemáticos do ponto de vista social. Assim, temas sociais relativos à ciência deveriam ter sua origem nessas atividades e envolver problemas em torno dos quais existam diferentes possibilidades associadas a diferentes conjuntos de crenças e valores. (MORTIMER; DOS SANTOS, 2000, p.11).

Nesta perspectiva, Lacey (2008) afirma que a tarefa da educação científica é também desenvolver a autoconsciência crítica sobre o caráter da atividade científica. E que isto pode se dar pelo estudo do lugar da ciência na sociedade humana e na vida contemporânea; estudo dos fatores que influenciam a atividade científica; estudo da relação da ciência com o bem-estar humano; avaliação do valor da ciência com relação a outros valores sociais e humanos significativos, dentre outros aspectos.

No intuito de levantar algumas inferências sobre como tais orientações têm chegado dentro da escola, acreditamos que, para discussão do tema, o livro didático é uma dessas portas de entrada. Na busca de referencial para essa análise, encontramos diversas pesquisas significativas, nas quais se mantem o foco entre o livro didático e as relações de gênero (IMPERATORI et. al, 2008; ANDRADE; FORASTIRI; EL-HANI, 2001) e como podemos relacioná-la com os aspectos necessários para o desenvolvimento da autoconsciência crítica sobre o caráter da atividade científica e de suas implicações (LACEY, 2008).

Andrade, Forastiri e El-Hani (2001) propuseram-se a investigar se as diversidades de orientações sexuais humanas são abordadas nos livros didáticos de Ciências e Biologia para o ensino fundamental e médio, assim como a analisar a presença de explicações científicas, de

senso comum e religiosas sobre a sexualidade, avaliando a influência das explicações deterministas, no caso de um enfoque científico. Deste estudo, foi observado que o tema não é tratado com a devida importância pelos livros didáticos, e que um dos motivos seria a dificuldade de se tratar o sexo e a diversidade das orientações sexuais.

É interessante notar que o tema sexualidade é muito pouco desenvolvido nos livros didáticos de ciências do ensino fundamental. A pouca informação contida é asséptica, dicotômica e ligada exclusivamente à reprodução humana. Homem mais mulher é uma soma linear que dá como resultado um bebê. Neste sentido, o sexo é simplesmente considerado como procriativo, destituído de todo o conteúdo afetivo-erótico da sexualidade, como também são desconsideradas as orientações que não sejam heterossexuais. (ANDRADE; FORASTIRI; EL-HANI, 2001, p. 4).

Consideram ainda que a abordagem do tema nos livros didáticos de Ciências e Biologia pode ser prejudicial de certa forma (ANDRADE; FORASTIRI; EL-HANI, 2001). Por exemplo, no caso de explicações deterministas tanto biológicas como ambientais, ocorre um juízo de valor que não está implícito, comprometendo a qualidade da informação. Partindo do pressuposto que alunos e professores acreditam fielmente na estruturação do conteúdo e nas informações do livro didático, o ato de questionar é, praticamente, inexistente.

Formula-se um “fazer ciência” da verdade, verdades descritas nos livros didáticos, repassadas pelo professor, mas incapazes de alterar visões preconceituosas e/ou ao menos discuti-las, muito embora, estas se façam presentes de forma silenciosa e frequente. Essa ciência divulgada nos livros didáticos, como descrita pelos autores acima, não procura refletir sobre as identidades sexuais que permeiam uma sala de aula, reforçando o padrão e a normalização.

Já no trabalho de Imperatori et al (2008), alguns avanços foram perceptíveis. Passa a existir uma preocupação de problematizar questões relacionadas a certas “verdades absolutas” por

traz daquilo que sempre foi tido como natural. Mas certas dificuldades ainda são latentes, como a ausência de representação das várias outras possibilidades de gênero além do padrão heterossexual. Entretanto, os autores relatam que o trabalho com sexualidade fixado somente em aspectos de reprodução, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência, não evidenciam debates sobre o tema homossexualidade.

[...] o silenciamento e a naturalização dos papéis de gênero vinculados tanto nos livros de Biologia de diversas séries podem contribuir para a manutenção dos valores homofóbicos na sociedade a partir do reforço dos padrões heteronormativos nos livros didáticos, salas de aula e escola. Por sua vez, a ausência da afirmação da diversidade sexual no material didático-pedagógico atribui ao professor e à direção das escolas a total responsabilidade de trazer o tema à sala de aula. (IMPERATORI et al, p. 6, 2008).

Perante o demonstrado, a escola, com o apoio do livro didático, tem o papel de problematizar, questionar e ampliar seu conhecimento sobre a sexualidade e desenvolver a autoconsciência crítica sobre o caráter da atividade científica e de suas implicações, bem como a postura tomada pelo professor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Respaldados pelos autores que neste trabalho discutimos, inferimos sobre alguns aspectos que são relevantes ressaltar para o trabalho no ambiente escolar. Em primeiro momento, devemos entender que, embora o desejo por pessoas do mesmo sexo sempre tenha existido, a forma concebida sob as identidades sexuais vem sofrendo mudanças constantes. Portanto, a educação não pode prescrever uma forma como a certa e sim enfatizar o respeito pela diversidade de identidade.

Assim, os discursos sobre homossexualidade pautados nos argumentos científicos que adentram a escola, precisam necessariamente passar pelo crivo da neutralidade, entendendo que os discursos proferidos podem ser objeto para fundamentar opiniões e crenças de grupos específicos, na busca de encontrar adeptos de suas visões.

Acreditamos que o professor, além de ensinar o conteúdo, deve ter como objetivo desvelar que, mesmo sendo a ciência algo essencial para nossa vida, há pessoas que a utilizam de forma distorcida, tomando para seus argumentos os valores sociais que ela possui. Quanto às pesquisas científicas, estas não podem, de forma alguma, se submeter a objeto de interesse de grupos particulares, pois, caso contrário, viveremos sob a ilusão de ideais individuais, que não é o que a ciência fundamenta.

Embora a objetividade da ciência não seja danificada por tais grupos, as pesquisas, em meio à explosão de informações desconexas, podem ser fragmentadas e utilizadas indevidamente. Este artigo, por exemplo, por tratar de um assunto polêmico, se fragmentado pode apoiar opiniões que não são as nossas, caracterizando uma manipulação do que acreditamos. Mas, quem deve estar preocupado para que isso seja diferente? Além do cientista ao realizar sua pesquisa, cabe à instituição escolar como um todo pensar o assunto.

Ao professor cabe a compreensão de que os materiais desenvolvidos e divulgados pelo MEC, como os livros didáticos, não são isentos de terem visões discriminatórias e preconceituosas

e que, conforme as pesquisas analisadas, fogem da problemática, delegando ao professor, sozinho, encontrar meios de lidar com as situações que surgem em sala. Já o professor, muitas vezes pela falta de tempo ou formação, pauta sua intervenção em temas como a homossexualidade no senso comum, justificando as ações por “verdades científicas” particulares, como forma de aproximar sua disciplina do que subjetivamente acredita.

Entretanto, o livro didático poderia ser um caminho para esta mudança, pois, na ausência de sua participação quanto à problematização do tema homossexualidade, as crenças subjetivas tomam parte. O material didático necessitaria ir ao encontro de acrescentar indícios sobre o como discutir e agir em sala, norteando-se por conhecimentos que abarcam o tema em sua totalidade e não reduzam sua complexidade a máscaras de padrões heterossexuais.

Para finalizar, acreditamos que os vídeos analisados expondo concepções de pessoas que têm voz em nossa sociedade, foi um impulso para refletirmos estas questões sobre a influência do conhecimento científico nas questões sociais e pensar novas possibilidades para a educação científica. Acreditamos que o mesmo poderia ser feito na escola. Pois não adianta negar o discurso, ele existe e será replicado sem reflexão. Assim, somente há uma saída, debatê-lo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Cristiane Pinto; FORASTIRI, V.; EL-HANI, CharbelNiño. Como os livros didáticos de ciências e biologia abordam a questão da orientação sexual. **Atas do III ENPEC-Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**. Atibaia, São Paulo. [Links], 2001.
- AWESOMEPTVIDEOS. **Resposta de Silas Malafaia ao Doutor em Genética Eli Vieira**. Disponível em: <[youtube.com/watch?v=UZsHylWwqIY](https://www.youtube.com/watch?v=UZsHylWwqIY)>. Acesso em: 17 jun. 2014.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º Ciclos: Apresentação dos Temas Transversais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF. 1998.
- CHALMERS, Alan Francis. **O Que É Ciência afinal?**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- FISCHER, Rosa. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, Fundação Carlos Chagas, Editora Autores Associados, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Graal, 2001.
- _____. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- FRENCH, Steven. **Ciência: conceitos-chave em filosofia**. Grupo A, 2009.
- IMPERATORI, Thaís et al. Qual diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros. **Fazendo Gênero: Corpo, Violência e Poder**, n. 8, p. 25.
- LACEY, Hugh. **Valores e atividade científica 1**. Associação Filosófica ScientiaeStudia, 2008.
- MORTIMER, Eduardo Fleury; DOS SANTOS, Wildson Luiz Pereira. Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem CTS (Ciência-Tecnologia-Sociedade) no contexto da educação brasileira. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 2, n. 2, p. 1-23, 2000.
- SHIVA, Vandana. Monoculturas da Mente. **Trompetista**, v.10, n.4, 1993.
- SILAS, Rogel. **Silas Malafaia De Frente Com Gabi - Completo – 03/02/2013**. Disponível em: <[youtube.com/watch?v=Myb0yUHdi14](https://www.youtube.com/watch?v=Myb0yUHdi14)>. Acesso em: 16 out. 2014.
- VIEIRA, Eli. **Resposta de geneticista a Silas Malafaia [CC-eng] [Biologist refutes preacheronhomosexuality]**. Disponível em: <[youtube.com/watch?v=3wx3fdnOEos&list=RD02Myb0yUHdi14](https://www.youtube.com/watch?v=3wx3fdnOEos&list=RD02Myb0yUHdi14)>. Acesso em: 16 out. 2014.